

Brasil METAL



Ano I Nº 256
17 de Outubro de 2007
Índice

Perfil Alexei Etmanov	01
Manifestação da Mercedes em Barcelona	02
Homenagem ao amigo e companheiro Enrico Giusti	03
Um direito ao emprego?	04

INTERNACIONAL

Continuamos com a tradução do último Metal World, dedicado aos metalúrgicos do Brasil e do Mercosul. Trazemos nesta semana o “perfil” de Alexei Etmanov presidente do sindicato russo dos trabalhadores da Ford em Vsevolozhsk. Neste texto a revista da FITIM mostra a importância da visita de Etmanov ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em 1995. Para Masha Kurzina, a jornalista que escreveu o texto, “essa viagem mudou o seu conceito de sindicato - e a sua vida”. Segundo ela, a repercussão da luta de Alexei na Ford – uma consequência dessa viagem de 1995 – “teve um efeito explosivo na Rússia”. É mais um forte exemplo da importância da solidariedade global.

Perfil Alexei Etmanov

Os capitalistas ganham às custas da saúde do trabalhador

Na primavera de 2005, Alexei Etmanov veio ao Brasil integrando uma delegação de sindicalistas e voltou para seu emprego na fábrica da Ford na Rússia com uma concepção totalmente nova de sindicalismo.

Os trabalhadores da indústria automobilística russa, que está se expandindo rapidamente, estão na vanguarda do movimento sindical.

Um desses trabalhadores, é Alexei Etmanov, o presidente da Comissão Sindical na fábrica da Ford em Vsevolozhsk, uma pequena cidade perto de São Petersburgo.



“A Rússia hoje é uma país onde os carros podem ser construídos de modo barato e vendidos com grandes lucros. Todas as grandes montadoras do mundo estão de olho na Rússia. Só em São Petersburgo estão sendo construídas três montadoras bem como algumas fabricas de autopeças. Quem sabe quantas fabricas estão sendo construídas através da Rússia? Isto faz com que nós elevemos o piso de pagamento e tenhamos vantagem com a falta de trabalho qualificado, o que fará que o alto grau de exploração seja ao menos compensado com altos salários. É claro que nós somos contra a exploração,” disse Alexei.

Alexei, que é soldador, entrou para a fábrica da Ford em 2003 e associa-se ao sindicato. Na primavera de 2005 ele foi ao Brasil como integrante de uma delegação sindical apoiada pelo Transnational Information Exchange (TIE). Essa viagem mudou o seu conceito de sindicato - e a sua vida.

Alexei achou assustador o contraste entre o sindicalismo no Brasil e na Rússia. Ele comparou as condições de trabalho nos dois países e considerando a diferença nos padrões de vida, descobriu que os salários na fábrica da Ford em Vsevolozhsk eram muitos baixos. Na Rússia, de modo diferente do Brasil, os trabalhadores não recebiam bônus no final do ano e nenhuma participação no lucro da companhia. E os sindicalistas mesmo assim “se preocupavam com problemas” e “pisavam os calos da administração”.

Reviver o sindicato e torna-lo forte, uma organização sólida respeitada pelos trabalhadores, custou para Alexei e seus companheiros mais de um ano e meio. O sindicato fez duas campanhas de aumento de salários e melhoria nas condições de trabalho. A primeira teve duas greves tartaruga em 2006, resultando num aumento salarial de 14%, fim do trabalho regular fora do horário e um novo sistema de bônus. A segunda campanha incluiu um dia de greve em fevereiro 2007, resultando num acordo para prevenir a terceirização e outras melhorias sociais e financeiras. A ofensiva, e mais ainda, a vitória dos trabalhadores da Ford teve um efeito explosivo na Rússia, onde raramente os sindicatos ganham atenção da mídia principal. Alexei, carismático e coerente com seus princípios, Alexei tornou-se um favorito da imprensa.

A edição de março da Forbes russa exibiu a manchete "Sindicatos contra o capital" e declarou que era inútil lutar contra trabalhadores organizados. Enquanto o sindicalismo quebrava o boicote informativo ele também enfrentava uma renovada contra-ofensiva patronal que incluía uma serie de dispensas ilegais, prisões e represálias. Hoje as principais reivindicações dos trabalhadores da Ford, além do aumento de salários, incluem o reconhecimento de atividades insalubres e a oposição á terceirização. "Nas transnacionais os trabalhadores estão sob forte pressão", disse Alexei. "As pessoas estão sendo fígadas pelo trabalho extra. As empresas tornam um trabalhador viciado em hora-extra de modo que ele ou ela, trabalhando mais cem horas, dobra o seu pagamento, mas à custa da sua saúde. E quem vai pagar o tempo e o dinheiro necessários para que o trabalhador depois recupere a sua saúde? Eles ficam nos dizendo "a produção é segura, não faz mal á saúde". Na minha vida eu nunca vi uma oficina de solda ou de pintura que não tivesse reconhecidos os danos à saúde", ele diz.

Alexei é otimista sobre a perspectiva da organização sindical na Rússia. "As perspectivas para o sindicalismo na indústria automobilística são ótimas. A verdade é que os russos não vão mais se colocar na situação de "índios" prontos para trabalhar por "contas de vidro" ou "água de fogo". E o entendimento de que apenas trabalhadores unidos podem resistir ao poder do dinheiro e das leis pró-empregadores vem rápido", disse Alexei. O sindicato de Alexei pertence ao Sindicato Inter-regional de Trabalhadores Automotivos (Interregional Autoworkers' Trade Union -IATU). O pedido de filiação do IATU à FITIM será examinado na reunião do Comitê Central em novembro deste ano em salvador, Bahia. (Masha Kurzina) (Metal World, nº 03/2007)

Manifestação da Mercedes em Barcelona

Cerca de 1.500 pessoas se concentraram em frente à planta da Mercedes para protestar contra o seu fechamento. A manifestação ocorreu no ultima terça-feira e foi convocada pelo comitê de empresa da fabrica. Ela faz parte da luta em defesa dos 420 trabalhadores ameaçados de perder o seu emprego. O anuncio da decisão de fechamento da planta foi em 05 de outubro ultimo.



Os manifestantes concentraram-se nas portas da empresa situada no bairro de Sant Andreu, e dirigiram-se em passeata até o centro do distrito na Praça Orfila, onde entregaram uma manifesto contra o fechamento da planta.

O manifesto pede que a empresa cumpra com o plano industrial e os acordos assinados no quadro do convênio coletivo, denuncia que o fechamento da fabrica deve-se não á razões industriais, mas à especulação imobiliária diante do alta valorização dos terrenos locais. Em seguida, os trabalhadores dirigiram-se em passeata até o 'Palau de la Generalitat' onde entregaram suas reivindicações a um assessor econômico do presidente provincial.

A manifestação coincidiu com a primeira das nove jornadas de greve convocadas pelo comitê de empresa da Mercedes contra a decisão da empresa. A greve continuou nos dias 17, 18 e 19 de outubro. Novas jornadas acontecerão nos dias 23, 24, 25, 30 e 31 deste mês.

O companheiro Valter Sanches, secretário geral da CNM-CUT e integrante do Conselho de administração da Mercedes intermediou um encontro do comitê de empresa e de integrantes das federações de metalúrgicos das CC.OO. e da UGT com a administração da empresa. O companheiro encontra-se em missão sindical na Europa. (Com material da FM CC.OO)

Em agradecimento à luta do Enrico em favor dos trabalhadores e trabalhadoras, a Escola 7 de Outubro realizou duas homenagens em sua memória no último dia 11 de outubro: um Ato Público na Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais e um Culto Ecumênico no Auditório da Escola Sindical.

Homenagem ao amigo e companheiro Enrico Giusti

É com muito pesar e dor no coração que comunicamos o falecimento do companheiro e amigo Enrico Giusti, ocorrido no dia 04 de outubro em sua casa em San Lazzaro, na Itália. Os amigos e os companheiros Cutistas querem lembrá-lo para as muitas iniciativas e lutas que enfrentava com coerência, transparência e espírito solidário.

Quem foi Enrico Giusti

Nascido em Grizzana Morandi em 1938, morou por muitos anos na cidade de San Lazzaro di Savena, Itália, e afetivamente em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Formado em Teologia, desde jovem seu compromisso social e profissional se realizou na defesa dos desfavorecidos, antes em Bologna e sucessivamente nos países em desenvolvimento.

Nos anos '60', depois de ter sido padre do Onarmo, dedicou seu trabalho à 'Casa do jovem trabalhador' na Villa Pallavicini e participou das primeiras experiências para a organização dos grupos apartamento para jovens (dependentes químicos ou com outros problemas). Em seguida se dedicou à formação profissional dos trabalhadores, à educação dos adultos, à inserção ao trabalho dos portadores de handicap, das pessoas com invalidez e dos dependentes químicos. A partir de 1980 foi Diretor do IAL em Bologna, contribuindo ao início do projeto das '150 horas' e das bolsas de estudo/trabalho para jovens no período das férias escolares.



..... internacional no Brasil, indo como Voluntário num projeto do MLAL (Movimento para a América Latina) e da FIM (Federação dos Metalúrgicos da CISL), que contribuiu de forma significativa ao duro percurso de luta dos trabalhadores brasileiros para a reivindicação organizada e o exercício dos direitos fundamentais e sindicais. Neste período Enrico Giusti abre o diálogo com o Sindicato Brasileiro, a CUT (Central Única dos Trabalhadores), cujo líder era Luis Inácio Lula da Silva, o 'Lula' (atual Presidente da República do Brasil), que se tornou seu grande amigo. Sempre nos mesmos anos começa a construir às bases de vários projetos de solidariedade ligados à tutela dos menores e dos adolescentes, com muita atenção ao trabalho.

Desde 1990, voltando da experiência no Brasil, fundou e tornou-se Diretor da Iscos Emilia Romagna, a entidade da CISL para a Cooperação Internacional. Neste período multiplicou sua experiência brasileira realizando dezenas de projetos de solidariedade, ligados ao mundo do trabalho e à tutela das pessoas mais necessitadas da sociedade, em vários países do mundo.

Nestes últimos anos continuou a colaboração como Coordenador dos Projetos da Iscos E.R. e da Iscos Nacional na América Latina, por isso sua decisão de ficar períodos sempre mais longos no Brasil e na sua amada Belo Horizonte. Site: www.escola7.org.br E-mail: escola7@escola7.org.br

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), também expressa publicamente o pesar pela morte do companheiro Enrico Giusti, que dedicou sua vida pelo bem ao próximo.

Um direito ao emprego?

A reforma do mercado de trabalho na França suscita a discussão sobre os direitos que envolvem empregado e empregador

Ronald Sokol*

Em Aix-en-Provence, França

Demissão, mandar embora, despedir -seja qual for o termo- provoca alento e freqüentemente miséria. Enquanto o presidente da França, Nicolas Sarkozy, busca a muito necessária reforma do mercado de trabalho de seu país, a questão da segurança do emprego determinará o sucesso ou fracasso de seu esforço.

A maioria das pessoas encontra sua identidade e parte do significado da vida no emprego. Apesar de nem a Convenção Européia de Direitos Humanos e nem a Constituição americana mencionarem especificamente o emprego, o futuro debate perguntará se a segurança do emprego deve ser um direito humano básico.

No mundo de língua inglesa, a lei comum estabeleceu que um empregador tem o direito de demitir um funcionário a qualquer momento por qualquer motivo a não ser que o contrato de trabalho determine o contrário, o que quase nunca acontece.

Apesar do emprego "at will" (à vontade), como foi chamado, ser ainda a regra nos Estados Unidos, ela foi alterada por leis que proíbem discriminação baseada em raça, gênero, origem nacional, religião ou etnia. Apesar de um empregador americano ainda reter o direito de demitir, tal liberdade não é mais total.

A Inglaterra também limitou o direito do empregador com a doutrina da equidade. Mas tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra um empregador pode demitir um funcionário com bastante liberdade se certas regras básicas forem seguidas.

Na França, que antes contava com mais regras pró-empregador, a situação mudou radicalmente há uma geração. Em 1973, a França proibiu um empregador de demitir um funcionário a menos que possa mostrar "causa genuína e séria" para fazê-lo. De lá para cá, surgiu uma jurisprudência volumosa na tentativa de definir o que isto significa.

Se uma empresa precisa ser reestruturada, a capacidade de reação do empregador é restringida. Uma queda acentuada nas vendas não é suficiente para justificar a demissão de trabalhadores caso a empresa ainda tenha lucro. Perder dinheiro não é pré-requisito para alguém ser demitido legalmente.

Situação ideal e direitos

É de amplo conhecimento que a dificuldade e custo de demitir funcionários são grandes fatores para o elevado desemprego na França. Um empregador que não tem certeza de que poderá demitir um funcionário insatisfatório ou demitir empregados quando as vendas caem exercerá cautela antes de contratar.

Os empregados têm interesse em proteger o direito ao meio de vida e é esperado que lutem para mantê-lo. Mas se forem analisadas se as alegações dos empregados são justas, há dúvidas.

No influente "Uma Teoria da Justiça", John Rawls enfatiza que cada pessoa tem direito igual à justiça e que tal equidade deve ser dominante. Para entender o que isto significa no contexto do emprego, é preciso olhar além do que Rawls chama de "véu da ignorância".

Se você nasce em uma sociedade sem saber que posição ocupará, como você estruturará tal sociedade?

Deste ponto de vista, a certeza de manter um emprego específico não é o valor que deve ser protegido. Em vez disso, é a certeza de conseguir um emprego que deve ser priorizada.

É preferível nascer em uma sociedade na qual todos possam ter um emprego do que nascer em uma na qual alguns têm empregos que mantêm enquanto outros não têm emprego nenhum. É claro, em um mundo ideal, seria preferível ter ambas as situações, mas nenhum país nem mesmo chegou perto de tal ideal.

Se alguém aplicar o teste do véu de ignorância, então o direito básico

deveria ser o direito de ter um emprego, não de manter um emprego. Deveria haver tal direito humano?

Solução para a França?

A maioria das pessoas começa a vida sem nenhum capital e muitas passam a vida acumulando pouco. O emprego é necessário para ter o suficiente para comer, para um abrigo adequado, para adicionar significado à vida e para ter status. Se o governo existe para proteger a vida, a liberdade e a busca da felicidade, então o direito a um emprego deve estar entre suas principais obrigações.

A ênfase na segurança às custas da criação é equivocada. Isto não significa defender que um empregador deva ser livre para demitir à vontade, sob quaisquer circunstâncias. Discriminação com base em raça, gênero, origem nacional, etnia e religião deve ser proibida. Fundos de aposentadoria, licença maternidade e paternidade, licença de saúde, o direito à greve e outros devem fazer parte da estrutura.

Logo, o propósito por trás da proteção do emprego refletida na lei francesa de 1973 é legítimo e deve ser encorajado. Mas uma geração de desemprego insolúvel reflete uma falha grave. O que Sarkozy deve criar é um novo direito humano: o direito ao emprego. Ele será capaz disto apenas reduzindo acentuadamente a inclinação da atual lei à segurança do emprego.

Se tiver sucesso, a fuga dos jovens e ambiciosos para Londres, Nova York, Miami e outros lugares poderá cessar e uma nova renascença francesa poderá começar.

*Ronald Sokol é advogado em Aix-em-Provence. Ele já defendeu muitos casos trabalhistas nos tribunais franceses. *(Tradução para o UOL de George El Khouri Andolfato) (International Herald Tribune, 12.10.2007)*